

SINDICATO DOS MÉDICOS DENTISTAS QUER DIGNIFICAR A CLASSE

O Sindicato dos Médicos Dentistas (SMD) reuniu-se para saber o “estado da classe” e o panorama não é nada animador com profissionais a serem “explorados”. Urge, por isso, defender os seus direitos e dignificar a profissão através da implementação de um contrato coletivo de trabalho que vise a criação de regras e a progressão da carreira.

Se há 25 anos os médicos dentistas exerciam a carreira sobretudo como profissionais liberais, agora “o estado da classe” deu uma reviravolta: “tornou-se precária, com colegas a serem explorados e com salários baixíssimos”, e até a necessitarem de apoio económico, começa por denunciar o Dr. João Neto, presidente da assembleia-geral do SMD. O sindicato está, por isso, a encetar um conjunto de diligências no sentido de mudar o panorama nacional. Ainda assim, João Neto receia que este “seja um processo irreversível, com um futuro pouco animador”, lamenta à margem do encontro Odonto Summit, que decorreu a 11 de dezembro, no Seminário de Vilar, no Porto.

Segundo a Dra. Raquel Zita Gomes, presidente da direção do SMD, uma das soluções urgentes para dignificar e defender os direitos da classe passa pela criação de um contrato coletivo de trabalho, “que até agora nunca existiu”, para criar regras, como escalões e remunerações mínimas por hora e mês, além da promoção da progressão da carreira. Em Portugal Continental não existe, mas na ilha da Madeira já foi promulgado o diploma da carreira. “O objetivo é evitar que continue a haver exploração dos médicos dentistas, alguns deles sem contrato de trabalho e em situações laborais precárias”, denuncia a Dra. Raquel Zita Gomes.

“A classe dos médicos dentistas está em profunda divergência com o que era há cerca de 25 anos. Passou de uma classe basicamente caracterizada por profissionais liberais para se tornar numa profissão proletária precária.”

Dr. João Neto, presidente da assembleia-geral do SMD

Para isso, o SMD está a encetar contactos com associações representantes dos “patrões” dos médicos dentistas para, em conjunto, chegarem a um acordo quanto a um contrato coletivo de trabalho que seja vantajoso tanto para médicos dentistas como para patrões. “Temos de ter uma ação concertada, reunir estratégias para rumarmos todos para o mes-



mo lado e, assim, negociarmos o contrato coletivo de trabalho”, esclarece a presidente da direção do SMD. Só depois o sindicato - que já conta com mais de duas centenas de associados - poderá renegociar com o Estado uma carreira especial dos médicos dentistas que até agora tem estado na gaveta, nota a Dra. Raquel Zita Gomes.

Neste evento, que contou com cerca de 20 palestrantes, e reuniu várias associações e ainda o Colégio de Especialidade de Estomatologia da Ordem dos Médicos, esteve, por isso, em debate o “estado da classe” que é motivo de grande preocupação para o sindicato. Estes problemas já se arrastam há anos e, para os sindicalistas, é altura de os resolver

em prol da classe. “Defendemos uma conduta própria da profissão”, sublinha o Dr. João Neto.

Já no último encontro do SMD, em junho, também no Porto, estes problemas estiveram em cima da mesa e serviu para delinear estratégias para o futuro da medicina dentária em Portugal, além de unir os profissionais.

“Exploração e precariedade” na classe

Entre os graves problemas da classe, revela o Dr. João Neto, “estão a falta da aplicação de regulamentação laboral para impedir a exploração dos colegas e a permissividade com que se fazem contratos revestidos de ilegalidades”.





Mais, lamenta o Dr. João Neto, “existe um desinteresse, talvez propositado, dos decisores políticos e da comunicação social sobre os nossos problemas. Somos uma profissão vulnerável e sem apoios sociais, psicológicos e jurídicos”. A agravar o “complicado” cenário está, adiciona o Dr. João Neto, “o número excessivo de médicos dentistas e da concorrência ditada pelas «leis do mercado», as muitas taxas e licenças, a burocracia, que assolam os pequenos prestadores, tornando muito difícil a sua sobrevivência”.

“O objetivo é evitar que continue a haver exploração dos dentistas, alguns deles sem contrato de trabalho e em situações laborais precárias.”

**Dra. Raquel Zita Gomes,
presidente da direção do SMD**

Entre os principais problemas estão ainda, acrescenta o Dr. João Neto, “o facilitismo com que se criaram várias instituições de ensino de medicina dentária, sem avaliar as reais necessidades do país e as capacidades formativas e de exercício da profissão”. Até porque, justifica, “temos um rácio cerca de três vezes superior ao recomendado pela Organização Mundial de Saúde (OMS)”. A Dra. Raquel Zita Gomes acrescenta, por sua vez, que “temos, neste momento, um dentista para 800 pessoas. O recomendável é um para



1500”, adiantando que “as coisas estão a degradar de tal forma ao ponto de classe estar a ser desvalorizada”.

Por isso mesmo, o Dr. João Neto considera “um verdadeiro ato de loucura e de desgoverno conjeturar-se abrir mais faculdades de Medicina Dentária em Portugal”. O que, defende, pode gerar ainda mais desemprego, emigração, exploração e precariedade. “Temos colegas a trabalhar entre 40 a 50 horas por semana, em diferentes consultórios, com várias deslocações e com uma remuneração mensal de 300 euros aproximadamente”, exemplifica.

Entre os graves problemas que preocupam a classe está ainda a situação dos cerca de 200 colegas que trabalham no Serviço Nacional de Saúde (SNS) de forma ilegal, porque estão contratados como técnicos de saúde e não como médicos dentistas.

João Neto enumera ainda a proliferação de grandes grupos e de planos de saúde, e “uma competição desleal nos valores cobrados pelos tratamentos”.



Em suma, em cima da mesa deste encontro esteve a defesa da união da classe. Também Serafim Freitas, em representação do Colégio de Estomatologia e da Ordem dos Médicos, concorda que “é preciso agilizar em conjunto. Não devemos andar de costas voltadas”. Referiu ainda que a classe é multifacetada. “Somos cerca de 400 estomatologistas no país e estamos em 27 hospitais do SNS”, adianta Serafim Freitas.

Segundo o Dr. João Neto, o evento “Odonto Summit faz parte de um ciclo de plenários que vai decorrer por todo o país”, estando o próximo já previsto para Lisboa. “No Odonto Summit foi criada uma oportunidade única para os colegas participarem presencialmente e não somente pelas redes sociais. Demos voz a todos, possibilitando a discussão livre de ideias e a explanação de sugestões”, concluiu o Dr. João Neto.

Um dos pontos altos deste evento, nota João Neto, foi “a sessão de esclarecimento com a Agência Portuguesa do Ambiente (APA) devido à premência do tema radiologia na prática da Medicina Dentária”. Mais, expõe: “Foi enriquecedora e foram obtidos esclarecimentos sobre o método e estratégia de atuação da APA no domínio das leis vigentes”. Durante o encontro, os presentes ficaram a saber que “existe abertura da parte da APA para solicitar os adiamentos necessários para a implementação dos vários requisitos”. Também tomaram conhecimento de que “a APA vai apresentar, muito brevemente, uma proposta para alterar a legislação no sentido de dotar os currículos académicos como exigência suficiente, assim como adequar às realidades da medicina dentária”, conclui. Esta é, aliás, uma das questões que tem preocupado bastante os médicos dentistas. ■

Susana Pinheiro

